

OS PRIMEIROS SINAIS DO “AL SHABAAB” EM CABO DELGADO: ALGUMAS HISTÓRIAS DE MACOMIA E ANCUABE

Sérgio Chichava

Introdução

O “Al Shabaab” começou os seus ataques armados na província de Cabo Delgado a 5 de Outubro de 2017, concretamente no distrito de Mocimboa da Praia. Entretanto, antes deste ataque, populares e líderes religiosos da comunidade muçulmana desta província já falavam da presença deste grupo. Igualmente, a imprensa reportava a presença de certos “elementos estranhos” em Cabo Delgado que incitavam a população a se opor ao Estado laico através da defesa de uma versão radical do Islão. O objectivo deste artigo é discutir os primeiros sinais da presença do “Al Shabaab” na província de Cabo Delgado. Para tal, contam-se alguns episódios ocorridos nos distritos de Macomia e Ancuabe entre finais de 2015 e meados de 2017, e que mostram a influência do “Al Shabaab” antes do ataque à Mocimboa da Praia. Igualmente, mostra-se a reacção da comunidade muçulmana de Cabo Delgado à chegada do “Al Shabaab” naquela região.

1. Nem álcool nem escola em Macomia

Em Novembro de 2015, várias reportagens publicadas nos jornais Notícias e Domingo indicavam que na localidade Pangane, distrito costeiro de Macomia, líderes religiosos muçulmanos locais estavam a proibir a venda e o consumo de álcool, argumentando que seria contra os princípios da religião muçulmana, e que seriam a principal causa de desvio comportamental dos jovens nesta região (Notícias 2015; Wazir 2015; Domingo 2015). Em virtude disso, recolheram à força e destruíram todas bebidas alcoólicas encontradas nos estabelecimentos comerciais locais, numa acção que teve apoio de uma parte da população local.

Alertadas as autoridades, foi enviado um contingente policial para o local. Como consequência, um líder religioso, acusado de ser o líder da “operação”, foi detido, o que provocou a fúria da população que reagiu à detenção, atacando elementos da polícia. Destes confrontos, um agente da polícia foi morto, dois civis contraíram ferimentos e uma parte considerável da população local refugiou-se nas matas e nas ilhas das cercanias.

A reportagem do jornal do Domingo dizia: “... *Pangane era uma localidade fora do comum; que [tudo o que] por ali se faz, obedece a regras emanadas pelos líderes religiosos que, pelo que podemos testemunhar, não comungam os mesmos ideais das autoridades do Estado (Domingo 2015)*”.

O mesmo jornal dizia também que os muçulmanos locais, por sinal o maior grupo populacional, rejeitavam e apupavam o chefe da localidade, por ser Makonde e cristão. Dizia ainda que outras religiões não conseguiam se implantar em Pangane, dando o exemplo da Igreja Assembleia de Deus, que acabou por abandonar esta região em razão da rejeição e hostilidade locais (Idem).

Nesta altura, nada sugeria que se tratava de actividades do “Al Shabaab” e nenhuma das notícias publicadas na imprensa mencionava este nome. Contudo, elementos da nossa pesquisa levam a concluir que se tratava da fase inicial do “Al Shabaab”. Actualmente, a localidade de Pangane é uma das zonas mais afectadas pelos ataques no distrito de Macomia.

Por seu turno, as autoridades do Posto Administrativo de Quiterajo, que é também umas das zonas mais afectadas pelos ataques do “Al Shabaab”, queixavam-se, em Agosto de 2016, de que, sob “certas influências religiosas islâmicas” de uma seita local, a Escola Primária Completa de Pequueú registava altas taxas de desistência de alunos a favor das madraças (Abubacar 2016)¹.

A situação continuou tensa em Macomia de tal forma que, em Outubro de 2016, a população da aldeia Cogolo, no Posto Administrativo de Mucojo destruiu uma “mesquita” do “Al Shabaab”, acusando os seus seguidores de serem “*jovens [que] não seguem raízes da religião islâmica antiga*” (Rádio e Televisão Comunitária Nacedje de Macomia 2016a)².

Em Dezembro do mesmo ano, as autoridades de Macomia afirmavam não ter mais dúvidas da existência de um grupo chamado “Al Shabaab” naquele distrito, apelando a população a rejeitar suas ideias e a combatê-los. As autoridades de Macomia tinham a convicção de que “*as ideologias do grupo al shabab [Al Shabaab] visam supostamente usar a religião para incursões armadas, daí que o governo deve tomar medidas* (Rádio e Televisão Comunitária Nacedje de Macomia 2016b)³”.



“Mesquita” destruída pela população de Cogolo (Crédito da foto: Rádio e Televisão Comunitária Nacedje de Macomia)

Em Junho de 2017, o Jornal Notícias citava a polícia a dizer que três elementos da seita “Al Shabaab” tinham sido presos no distrito de Macomia, acusando-os de desinformação, desrespeito ao Estado e pregação de um islão radical. O Jornal acrescentava ainda que outros haviam sido detidos em Quissanga, um mês antes destes, pelas mesmas razões. Na altura, o líder do Conselho Islâmico de Moçambique (CISLAMO), em Cabo Delgado, afirmou “*Este grupo não passa de um movimento político que esteja [sic] a reivindicar perante o Governo, usando uma certa via para poder ganhar a comunidade, como se fossem princípios islâmicos quando na realidade não o são* (Notícias 2017).

Apesar disso, contradizendo estes factos, a polícia de Macomia foi citada um mês depois, em Julho de 2017, a negar a existência da seita “Al Shabaab” naquela região, afirmando que o que havia era “*perturbação da ordem pública por jovens que saem noutras mesquitas em resultado de contradições*

¹Em Setembro de 2017, a administradora de Macomia voltou a afirmar que sob influência do “Al Shabaab”, as crianças estavam a abandonar as escolas, afirmando que este grupo queria “destruir a nação e o futuro da crianças”, (Rádio e Televisão Comunitária Nacedje de Macomia 2017).

²Dois notícias publicadas no jornal Carta de Moçambique, a 5 e 7 de Dezembro de 2018, e provavelmente assinadas por Amade Abubacar, reportando um ataque a aldeia Cogolo, diziam que os jovens da mesquita destruída pela população local tinham se juntado ao “Al Shabaab”. De realçar, que entre Dezembro 2018 e Julho 2019, Cogolo foi vítima de três ataques do “Al Shabaab”. Para mais detalhes, ver Carta de Moçambique (2018a; 2018b; 2019).

³Na altura, a Rádio e Televisão Comunitária Nacedje de Macomia, bastante influente neste distrito, dizia tratar-se de “filhos” e “irmãos” de Macomia que estavam a seguir uma “ideologia”, insistindo que se devia optar pelo diálogo e não pela violência como alguns locais advogavam. Mais detalhes ver (Rádio e Televisão Comunitária Nacedje de Macomia 2016b).

internas” e que em virtude disso tinham sido “instaurados processos crimes” (Abubacar 2017).

Contudo, Amade Abubacar, um dos primeiros jornalistas a ser preso pelas autoridades moçambicanas em 2019, em virtude das reportagens que fazia sobre os ataques em Cabo Delgado, reiterava que “desde o ano passado [2016] que em Macomia se falava da suposta existência de jovens com ligações do grupo islâmico Alshabab [Al Shabaab] que actua na Somália cuja missão é instalar um estado islâmico na África oriental” (Idem).

2. O assalto do “Al Shabaab” à localidade de Intutupué

Em Julho de 2016, Saide Bacar, líder religioso afiliado ao CISLAMO, emitiu uma circular alertando os muçulmanos de Cabo Delgado e as autoridades oficiais sobre uma situação que estava a ocorrer no distrito de Ancuabe, protagonizada por elementos que ele chamava de “Ali-Xababi”. Segundo Saide Bacar, indivíduos vindos do distrito de Chiúre tinham entrado numa mesquita do CISLAMO em Intutupué, entre os dias 4 e 5 de Junho de 2016, onde começaram a pregar um islão que ofendia os muçulmanos, pois entrava em contradição com o que era praticado em Moçambique e de uma forma geral, seus princípios não faziam parte desta religião (Bacar 2016).

Dentre os princípios defendidos por estes indivíduos, Saide Bacar indicava os seguintes (ver tabela 1).

Tabela 1: Alguns princípios defendidos pelo “Al Shabaab”

Rezar calçado
Rejeição do ensino laico a favor do ensino religioso islâmico
Obrigatoriedade de porte de véu islâmico cobrindo o rosto, deixando apenas os olhos de fora
Restringir o trabalho das mulheres ao cuidado da casa
Proibição do uso e porte de documentos de identificação civil
Não saudar os dirigentes do Estado
Não participar em eventos nacionais
Rejeitar a Bandeira Nacional
Amputar adúlteros e ladrões
Não colaborar com ou fazer parte (d) o governo e (das) instituições do Estado
Rejeição dos tribunais do Estado a favor dos tribunais Islâmicos

Fonte: Saide Bacar (2016)

Saide Bacar afirmava que os princípios defendidos por estes indivíduos eram “anti-islâmicos, tinham sua origem na Somália e seu objectivo era destruir o islão praticado em Moçambique, apelando às autoridades competentes a tomarem medidas para evitar a sua expansão no país. Entretanto, o “Al Shabaab” tinha conseguido atrair uma parte dos crentes da mesquita de Intutupué a seguir os seus preceitos, o que criou tumultos, levando à intervenção da polícia, situação que terminou com a detenção e ferimento de alguns dos membros da seita. Contudo, apesar da intervenção da polícia, a influência do “Al Shabaab” em Intutupué continuou, de tal maneira que, na única Escola Primária Completa local, as crianças estavam a desistir em massa, facto que deixou as autoridades escolares bastante alarmadas. O director adjunto da escola dizia, por exemplo, que o “Al Sha-

baab” estava a difundir mensagens que desencorajavam a frequência escolar, considerando que as crianças não deviam frequentar as escolas do Públicas e Estado porque estas eram dos *Kāfir* (infieis ou não muçulmanos), aconselhando-as a frequentar apenas as madraças. Em virtude disso, o número de crianças nesta escola estava a baixar. Por outro lado, as crianças que continuavam a frequentar a escola eram alvo de ameaças. A situação era agravada pela ameaça do “Al Shabaab” em encerrar a escola em 2017. A direcção da escola ainda tentou dialogar com os membros do “Al Shabaab”, mas foi em vão pois estes só aceitavam o diálogo se as autoridades escolares locais aderissem aos seus ideais e comesçassem a frequentar as suas mesquitas (UJOMU 2016a).

Com vista a resolver a situação, a direcção da escola local pediu apoio aos líderes muçulmanos do CISLAMO em Pemba. Uma das acções levadas a cabo pelo CISLAMO foi o envio à Intutupué de uma equipa da União dos Jovens Muçulmanos de Cabo Delgado (UJOMU) para dialogar com a comunidade local e mostrar os “malefícios” das acções do “Al Shabaab”.

A estratégia usada pela UJOMU para fazer face à propagação do “Al Shabaab” foi, para além de denunciar as acções deste grupo às autoridades governamentais, a realização de campanhas de sensibilização contra o terrorismo. Nestas campanhas, os jovens da UJOMU explicavam quem era o “Al Shabaab” por meio da projecção de filmes sobre movimentos islâmicos radicais de outros países, como o “Al Shabaab”, da Somália, o Daesh, entre outros. Estes filmes mostravam, entre outras coisas, jovens em treino militar, ataques a edifícios públicos, civis, cristãos e muçulmanos que não comungavam dos ideais destes grupos. Mostravam também cidades destruídas e abandonadas em várias partes do mundo em consequência dos ataques destes grupos. Para além disso, a UJOMU sensibilizava sobre a importância da escola, mostrando que, contrariamente ao que era propagado pelo “Al Shabaab”, a religião muçulmana não era incompatível com a educação oferecida pelo Estado (UJOMU, 2016b).

Estas acções da UJOMU mostram, uma vez mais, o pressentimento que havia no seio da comunidade local, de que provavelmente o “Al Shabaab” seguiria o mesmo trajecto de outros movimentos radicais islâmicos. Entretanto, os muçulmanos afirmam que o governo tardou a tomar medidas, daí que a situação tenha ganho contornos alarmantes, ao ponto de o “Al Shabaab” estar, desde Outubro de 2017, a atacar militarmente a província de Cabo Delgado⁴.

Conclusão

Procurou-se mostrar neste texto os primeiros indícios da presença do “Al Shabaab” em Cabo Delgado. Estes exemplos, ocorridos nos distritos de Macomia e Ancuabe, ajudam a compreender que, antes de se transformar

em movimento militar, o “Al Shabaab” foi uma simples seita religiosa que negava o Estado laico a favor de um Estado islâmico. Igualmente, os exemplos ajudam a ver que o “Al Shabaab” encontrou certa resistência no seio da comunidade muçulmana moçambicana, particularmente do CISLAMO, que sempre denunciou as suas acções às autoridades competentes e realizou algumas campanhas de sensibilização contra a propagação deste grupo.

Referências

Abubacar, Amade. 2016. Desistência de alunos na EPC de Pequeué preocupa autoridades, CAICC. Disponível em: <https://www.caicc.org.mz/diario/?p=6921> (consultado a 12 de Abril de 2020).

Abubacar, Amade. 2017. “No distrito de Macomia não há seita Alshabab, afirma comandante da PRM em Macomia”. CAICC. Disponível em: <https://www.caicc.org.mz/diario/?p=7828> (consultado a 12 de Abril de 2020).

Bacar, Saide. 2016. Circular no 1/2016 Para cinco distritos da zona sul de Cabo Delgado (Montepuez, Balama, Namuno, Chiure e Ancuabe), Montepuez: CISLAMO.

Carta de Moçambique. 2018a. Raparigas são o novo alvo dos ‘insurgentes’. Disponível em: <https://cartamz.com/index.php/sociedade/item/305-raparigas-sao-o-novo-alvo-dos-insurgentes> (consultado a 21 de Abril de 2020).

Carta de Moçambique. 2018b. Insurgentes atacam em Cogolo. Disponível em: <https://cartamz.com/index.php/politica/item/341-insurgentes-atacam-em-cogolo> (consultado a 21 de Abril de 2020).

Carta de Moçambique. 2019. Insurgência em Cabo Delgado. Três civis e dois militares morrem em mais um ataque em Macomia. Disponível em: <https://cartamz.com/index.php/crime/item/2592-insurgencia-em-cabo-delgado-tres-civis-e-dois-militares-morrem-em-mais-um-ataque-em-macomia> (consultado a 21 de Abril de 2020).

Domingo. 2015. Tumultos em Pangane provocam morte e feridos. Disponível em: <https://www.jornaldomingo.co.mz/index.php/arquivo/26-reportagem/7791-tumultos-em-pangane-provocam-morte-e-feridos> (consultado a 12 de Abril de 2020).

Nhamossa, Arginaldo. 2020. “Sheikh Aminudin e a situação em Cabo Delgado. Governo não ligou aos avisos”, Savana, Maputo.

Notícias. 2017. Detidos por desinformação em Macomia. Disponível em: <https://www.jornalnoticias.co.mz/index.php/sociedade/68710-detidos-por-promoverem-desinformacao-em-macomia.html> (consultado a 22 de Abril de 2020).

Notícias. 2015. Distrito de Macomia: Pangane interdita venda de álcool. Disponível em: <https://www.jornalnoticias.co.mz/index.php/sociedade/46036-distrito-de-macomia-pangane-interdita-venda-de-alcool> (consultado a 12 de Abril de 2020).

Rádio e Televisão Comunitária Nacedje de Macomia. 2016a. Populares da aldeia Cogolo em Mucojo, destruíram há dias uma mesquita local, supostamente os seguidores na sua maioria jovens não seguem raízes da religião islâmica antiga. Disponível em: <https://web.facebook.com/radionacedjemacomia> (consultado a 19 de Abril de 2020).

Rádio e Televisão Comunitária Nacedje de Macomia. 2016b. Grupo Al Shabab deve ser rejeitado pela sociedade. Apela diversas individualidades. Disponível em: <https://web.facebook.com/radionacedjemacomia> (consultado a 19 de Abril de 2020).

Rádio e Televisão Comunitária Nacedje de Macomia. 2017. Administradora de Macomia, apela desacato a mensagens contra acesso a educação. Disponível em: <https://web.facebook.com/radionacedjemacomia> (consultado a 19 de Abril de 2020).

UJOMU. 2016a. Acta do encontro com a direcção da escola primária completa de Intutupué, Pemba.

UJOMU. 2016b. Acta da palestra de Intutupué, Pemba.

Wazir, Jonas. 2015. “Cabo Delgado. Interdita pela população. Pangane volta a vender bebidas alcoólicas”, Notícias. Disponível em: <https://www.jornalnoticias.co.mz/index.php/sociedade/18-provincia-em-foco/47741-cabo-delgado-interdita-pela-populacao-pangane-volta-a-vender-bebidas-alcoolicas> (consultado a 12 de Abril de 2020).

⁴Ver por exemplo, a entrevista do presidente do CISLAMO, Sheikh Aminuddin ao jornal Savana (Nhamossa 2020).